

FRENTE: REDAÇÃO

PROFESSOR(A): DANIEL VICTOR

ASSUNTO: ANÁLISE REDACIONAL III – ANATOMIA DA REDAÇÃO NOTA 10

EAD – ITA

AULA 19



Resumo Teórico

Para alcançar a nota máxima na Prova de Redação do ITA, o candidato precisa atender aos seguintes requisitos, atentando para os critérios que compõem a grade de correção. Dessa forma, o texto irá suprir as expectativas do corretor, contemplando todas as exigências da Banca de Correção.

Tema (0 a 3,0)	Para contemplar esse critério de correção, o candidato precisa ler e interpretar, com bastante atenção, os textos que compõem a Prova de Língua Portuguesa. A partir desses textos, deve-se extrair a temática a ser desenvolvida na Redação. Ademais, sob esse critério, o corretor irá avaliar o domínio que o candidato possui sobre o tema discutido. Logo, é importante sempre selecionar argumentos que não se restrinjam ao senso comum.
Tipo de Texto (0 a 3,0)	Em relação a esse critério, o candidato deve atender à estrutura do texto dissertativo-argumentativo. Nesse contexto, deve elaborar uma redação com introdução, desenvolvimento e conclusão, que tem a finalidade de apresentar e defender, por meio de argumentos consistentes, um posicionamento sobre a temática abordada.
Coesão/ coerência (0 a 2,0)	Neste critério, o corretor visa avaliar a competência do candidato de articular argumentos, construir um texto coerente e informativo, organizado em frases e parágrafos articulados entre si, e de usar com propriedade os mecanismos de coesão textual (conjunções, pronomes, tempos verbais etc.).
Modalidade (0 a 2,0)	O último critério visa a avaliar a competência de expor, com clareza e precisão, as ideias e de escrever segundo a norma-padrão da língua portuguesa referente à ortografia, morfologia, sintaxe e pontuação.

Redação 01

Tema: Tráfico de seres humanos

No século XXI, é lamentável que, no Brasil, em contraposição aos avanços democráticos no que tange à garantia dos Direitos Humanos, persista a realização do tráfico humano. Nesse contexto, é preocupante a recorrência dessa prática, visto que, em razão de problemáticas de cunho social e econômico, muitos indivíduos, atraídos por ofertas de emprego tentadoras, vão trabalhar no exterior, onde sofrem desrespeito à dignidade humana.

Com efeito, é comum, nas cidades brasileiras, aliciadores, dotados de grande capacidade persuasiva, oferecerem a inúmeros cidadãos propostas de emprego em diversos países, como Espanha e Turquia, com perspectivas de enriquecimento e melhoria de vida. Contudo, é alarmante que, na maioria dos casos, essas pessoas, chegando ao destino, tenham o passaporte subtraído e passem a enfrentar uma realidade subumana, pautada na submissão a trabalhos forçados, na realização de práticas sexuais e no exercício de atividades em ambientes insalubres, caracterizando um regime análogo ao escravismo, já que limita os direitos dos trabalhadores, como a liberdade de ir e vir, e fere a dignidade humana.

Ademais, a maioria das vítimas provém de comunidades carentes, onde é acentuado o processo de marginalização social, e, por falta de um eficiente sistema educacional, aceita essas ofertas de trabalho como única alternativa de ascensão econômica. Decerto, muitas dessas pessoas não têm senso crítico que lhes possibilite uma análise dos riscos, nem acompanhamento intenso do Estado, de modo que, guiadas pela ingenuidade, são submetidas ao trabalho servil, o que revela a grave faceta social do tráfico humano.

Urge, portanto, que o Governo amplie o combate ao tráfico humano por meio da realização, mais intensa, de campanhas midiáticas que alertem a população acerca da necessidade de analisar, minuciosamente, a veracidade de ofertas de emprego no exterior. Ademais, é preciso que invista nas escolas a fim de possibilitar que a educação seja um instrumento de garantia da melhoria de vida. Por fim, as famílias também devem participar, mais ativamente, no acompanhamento dos filhos, estabelecendo diálogos que desenvolvam a capacidade crítica deles e viabilizem, efetivamente, a redução do tráfico humano.

Pedro Eduardo Gomes – Aldeota – 3º Ano

Comentário:

Percebe-se que, apesar de o tema já ser um problema social, o aluno expôs, logo na introdução, uma tese, ressaltando os prejuízos à dignidade humana. É muito comum, em temas como esse, corrupção, os candidatos deixarem a tese implícita por acharem que o avaliador já vai entender que o tema é um problema. No entanto, não devem esperar que o avaliador faça interpretações ou inferências, pois a ele cabe somente a avaliação do que está na superfície do texto.

Ademais, a argumentação desenvolvida relaciona muito bem causas e consequências do problema, mostrando sempre exemplos para os argumentos utilizados e uma excelente diversidade de ideias, que não se restringem somente ao âmbito de segurança, pois envolve a falta de informação sobre o crime e a ausência de senso crítico.

Por fim, as propostas de intervenção estão muito bem articuladas à problematização desenvolvida e suficientemente detalhadas, mostrando como ocorrerão as mudanças sugeridas, e têm uma boa diversidade, já que não envolvem somente um agente solucionador.

Redação 02

Tema: O Aplicativo Uber e a Economia Compartilhada em questão.

No contexto da Era Digital, surgem, diariamente, aparatos tecnológicos que modificam as relações humanas, sobremaneira as relações de consumo. Nesse sentido, o desenvolvimento de aplicativos digitais contribui para disseminação de um novo modelo comercial: a economia compartilhada. No Brasil, exemplo dessa realidade é a popularização do aplicativo Uber, cujo uso tem provocado bastante polêmica, requerendo, pois, ações efetivas do Estado no que concerne, sobretudo, à proteção dos direitos do consumidor.

Com efeito, à medida que a tecnologia evolui, o relacionamento entre pessoas se molda às novas descobertas, o que pode trazer benefícios, como a maior comodidade para a população. Quanto a isso, o Uber, aplicativo que visa a disponibilizar motoristas particulares para usuários, é uma alternativa salutar aos táxis convencionais, principalmente em uma economia global cuja base se assenta na concorrência e no livre mercado. Esse exemplo de economia compartilhada ainda não é regularizado no país, fato que é alegado por vários taxistas credenciados contrários a esse serviço. Apesar de o funcionamento do Uber no Brasil ocorrer à margem do regulamento, vê-se sua crescente expansão, de modo que negá-lo poderá ser tão reacionário quanto foi o movimento Ludista, à época da Revolução Industrial, que propôs a destruição da máquina, a responsável, segundo essa ideologia, pelo então desemprego.

Sabe-se, no entanto, que, assim como a máquina não era a culpada, mas a desqualificação dos empregados, o Uber também não é o vilão que prejudica os motoristas convencionais. Ocorre, em verdade, uma estagnação, já que muitos deles não zelam pelo conforto nem pelo bom atendimento do consumidor, o que se verifica na falta de compromisso com horários, pois atrasam, além do desrespeito, em alguns casos, às mulheres, que são assediadas, e às leis de trânsito. Convém lembrar, ainda, que tal serviço pode contribuir para a dinamização da economia nacional, uma vez que pode gerar oportunidade de emprego para pessoas que queiram ser motoristas do Uber a fim de obter renda, o que pode impulsionar a economia do país, tendo em vista que haverá aumento do poder aquisitivo.

Por fim, evidenciam-se os benefícios de tal aplicativo não só para facilitar o deslocamento dos cidadãos, mas também para auxiliar a economia do Brasil. Visando a agilizar esse serviço, cabe ao Estado regulamentar os táxis ofertados pelo Uber, por meio de uma emenda à Constituição, e proteger os consumidores, que devem ter os seus direitos de escolha respeitados, podendo optar pelo serviço do Uber ou dos táxis convencionais. Para evitar que estes queiram interferir, cabe-lhe, ainda, realizar uma intensa fiscalização e disponibilizar sistema de denúncias a órgãos públicos reguladores do serviço.

Wallyson Pablo. FB-SP

Comentário:

DICAS PARA ESCREVER MELHOR

- Apresente a ideia principal no início do texto.
- Utilize a ordem direta na construção das frases (sujeito, verbo e complemento).
- Tenha cuidado com a pontuação.
- Empregue frases curtas, evitando os períodos muito longos.
- Evite o uso de palavras e expressões que dificultam a compreensão do leitor, dando preferência ao vocabulário de entendimento geral.
- Evite o excesso de adjetivos.
- Utilize os elementos de coesão que estabelecem uma relação lógica entre as frases e parágrafos para manter a coerência.
- Redija com precisão vocabular.
- Elimine o excesso de pronomes indefinidos “um” e “uma” e da palavra “que”.
- Elimine palavras ou expressões desnecessárias.
- Mantenha a harmonia do texto evitando a cacofonia, a assonância e os ecos.
- Mantenha o paralelismo na estruturação de um período.
- Cuidado com a ambiguidade facilmente gerada pelo uso dos pronomes possessivos “seu” e “sua”.
- Consulte o dicionário sempre que necessário.

CONCISÃO

A concisão consiste em expressar com um mínimo de palavras um máximo de informações, desde que não se abuse da síntese a tal ponto que a ideia se torne incompreensível. Afinal, o tempo é precioso, e quanto menos se recheia a frase com adjetivos, imagens, pormenores desnecessários ou perífrases (rodeios de palavras), mais o leitor se sentirá respeitado. Para que se redija um texto conciso, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se escreve, o tempo necessário para revisá-lo depois de pronto. É nessa revisão que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de ideias. Veja-se, por exemplo, o seguinte texto:

A partir desta década, o número cada vez maior e, por isso mesmo, mais alarmante de desempregados, problema que aflige principalmente os países em desenvolvimento, tem alarmado as autoridades governamentais, guardiãs perenes do bem-estar social, principalmente pelas consequências adversas que tal fato gera na sociedade, desde o aumento da mortalidade infantil por desnutrição aguda até o crescimento da violência urbana que aterroriza a família, esteio e célula mater da sociedade.

Reescrito sem a carga informativa desnecessária, obtém-se um texto conciso e não prolixo:

O número cada vez maior de desempregados tem alarmado as autoridades governamentais, pelas consequências adversas que tal fato gera na sociedade, desde o aumento da mortalidade infantil por desnutrição aguda até o crescimento da violência urbana.

Vê-se, assim, como é importante o texto enxuto. Economizar palavras traz benefícios ao texto: o primeiro é errar menos; o segundo, poupar tempo; o terceiro, respeitar a paciência do leitor. Pode-se adotar como regra não dizer mais nem menos do que precisa ser dito. Isso não significa fazer breves todas as frases, nem evitar todo o detalhe, nem tratar os temas apenas na superfície; significa, apenas que cada palavra é importante.

Procedimentos para redigir textos concisos:

- a) Eliminar palavras ou expressões desnecessárias:
ato de natureza hostil → ato hostil;
decisão tomada no âmbito da diretoria → decisão da diretoria;
pessoa sem discrição → pessoa indiscreta;
neste momento, nós acreditamos → acreditamos;
travar uma discussão → discutir;
na eventualidade de → se;
com o objetivo de → para;
- b) Evitar o emprego de adjetivação excessiva:
o difícil e alarmante problema da seca → o problema da seca;
- c) Dispensar, nas datas, os substantivos dia, mês e ano:
no dia 12 de janeiro → em 12 de janeiro;
no mês de fevereiro → em fevereiro;
no ano de 2000 → em 2000;
- d) Trocar a locução verbo + substantivo pelo verbo:
fazer uma viagem → viajar;
fazer uma redação → redigir;
pôr as ideias em ordem → ordenar as ideias;
pôr moedas em circulação → emitir moedas;
- e) Usar o aposto em lugar da oração apositiva:
O contrato previa a construção da ponte em um ano, que era prazo mais do que suficiente → O contrato previa a construção da ponte em um ano, prazo mais do que suficiente.
O que se tem é a anarquia, que é a bagunça pura e simples, irmã gêmea do caos → O que se tem é a anarquia, bagunça pura e simples, irmã gêmea do caos;
- f) Empregar o particípio do verbo para reduzir orações:
Agora que expliquei o título, passo a escrever o texto → Explicado o título, passo a escrever o texto.
Depois de terminar o trabalho, ligo para você → Terminado o trabalho, ligo para você.
Quando terminar o preâmbulo, passarei ao assunto principal → Terminado o preâmbulo, passarei ao assunto principal;
- g) Eliminar, sempre que possível, os indefinidos *um* e *uma*: Dante quer (um) inquérito rigoroso e rápido. Timor-Leste se torna (uma) terra de ninguém. A cultura da paz é (uma) iniciativa coletiva.

Disponível em: <<http://www.tc.df.gov.br/Manuais/ManualRedacao2003.pdf>>

PLEONASMOS

Devem ser evitadas as seguintes construções pleonásticas:

- acabamento final;
- a razão é porque;
- a seu critério pessoal;
- certeza absoluta;
- conviver junto;
- criação nova;
- destaque excepcional;
- elo de ligação;
- em duas metades iguais;
- empréstimo temporário;
- encarar de frente;
- expressamente proibido;
- fato real;
- há anos atrás;

- meu amigo particular;
- multidão de pessoas;
- planejar antecipadamente;
- relações bilaterais entre dois países;
- sintomas indicativos;
- subir para cima;
- surpresa inesperada;
- todos foram unânimes;
- ver com os olhos.

ERROS DE PARALELISMO

Uma das convenções estabelecidas na língua escrita consiste em apresentar ideias similares em uma forma gramatical idêntica, o que se chama de paralelismo. Assim, incorre-se em erro ao conferir forma não paralela a elementos paralelos.

Exemplos:

Errado: Pelo aviso circular, recomendou-se às unidades economizar energia e que elaborassem planos de redução de despesas.

Certo: Pelo aviso circular, recomendou-se às unidades que economizassem energia e (que) elaborassem planos para redução de despesas.

Certo: Pelo aviso circular, recomendou-se às unidades economizar energia e elaborar planos para redução de despesas.

Errado: No discurso de posse, mostrou determinação, não ser inseguro, inteligência e ter ambição.

Certo: No discurso de posse, mostrou determinação, segurança, inteligência e ambição.

Certo: No discurso de posse, mostrou ser determinado e seguro, ter inteligência e ambição.

Errado: O novo procurador é jurista renomado, e que tem sólida formação acadêmica.

Certo: O novo procurador é jurista renomado e tem sólida formação acadêmica.

Certo: O novo procurador é jurista renomado, que tem sólida formação acadêmica.

Disponível em: <<http://www.tc.df.gov.br/Manuais/ManualRedacao2003.pdf>>

ERROS DE COMPARAÇÃO

A omissão de certos termos ao se fazer uma comparação deve ser evitada, pois compromete a clareza do texto. A ausência indevida de um termo pode impossibilitar o entendimento do sentido do que se quer dar a uma frase:

Errado: O salário de um professor é mais baixo do que um médico.

Certo: O salário de um professor é mais baixo do que o salário de um médico.

Certo: O salário de um professor é mais baixo do que o de um médico.

Errado: O alcance da Resolução é diferente da Portaria.

Certo: O alcance da Resolução é diferente do alcance da Portaria.

Certo: O alcance da Resolução é diferente do da Portaria.

Errado: A Secretaria de Educação dispõe de mais verbas do que as Secretarias do Governo.

Certo: A Secretaria de Educação dispõe de mais verbas do que as outras Secretarias do Governo.

Certo: A Secretaria de Educação dispõe de mais verbas do que as demais Secretarias do Governo.

Disponível em: <<http://www.tc.df.gov.br/Manuais/ManualRedacao2003.pdf>>

CONCISÃO E CLAREZA

As frases devem ser objetivas, nunca demasiado longas. É recomendável evitar intercalações excessivas e o emprego de recursos que as alonguem desnecessariamente – tais como vírgulas, conjunções e verbos no gerúndio. O período a seguir é um exemplo de como não se deve escrever:

O Sistema Único de Saúde (SUS) poderá ser obrigado a oferecer atendimento integral para prevenir e tratar a obesidade, conforme projeto de lei dispendo sobre essa exigência, apresentado nesta semana à Mesa da Câmara, que decidiu encaminhá-lo imediatamente às comissões técnicas para exame em caráter urgência da matéria, já que ela foi considerada de relevante interesse social.

Reconstruído como se segue, o período ganha em clareza e estilo:

O Sistema Único de Saúde (SUS) poderá ser obrigado a oferecer atendimento integral para prevenção e tratamento de obesidade. A exigência está prevista em projeto de lei apresentado nesta semana à Mesa, que o encaminhou imediatamente às comissões técnicas para exame em caráter de urgência, dado o relevante interesse social da matéria.

O texto deve ser conciso, observada a preocupação de se utilizarem as palavras estritamente necessárias: tudo que puder ser transmitido em uma frase não deve ser dito em duas; a conceituação sintética de uma ideia é preferível à analítica; para cada ideia, o idioma reserva pelo menos uma palavra que a representa com precisão. Cabe ao redator encontrá-la. Detalhes irrelevantes são dispensáveis: o texto deve ir direto ao que interessa, sem rodeios ou redundâncias, sem caracterizações e comentários supérfluos, livre de adjetivos e advérbios inúteis, sem o recurso à subordinação excessiva. A seguir, um exemplo de período mal construído, prolixo:

O assassinio do Presidente Kennedy, naquela triste tarde de novembro, quando percorria a cidade de Dallas, aclamado por numerosa multidão, cercado pela simpatia do povo do grande Estado do Texas, terra natal, aliás, do seu sucessor, o Presidente Johnson, chocou a humanidade inteira não só pelo impacto emocional provocado pelo sacrifício do jovem estadista americano, tão cedo roubado à vida, mas também por um espécie de sentimento de culpa coletiva, que nos fazia, por assim dizer, como que responsáveis por esse crime estúpido, que a História, sem dúvida, gravará como o mais abominável do século.

Nesse texto, há vários detalhamentos desnecessários, abusou-se do emprego de adjetivos (triste, numerosa, grande, jovem etc.), o que lhe confere carga afetiva injustificável, sobretudo em texto oficial, que deve primar pela impessoalidade. Eliminados os excessos, o período ganha em concisão, harmonia e unidade:

O assassinio do Presidente Kennedy chocou a humanidade inteira, não só pelo impacto emocional, mas também por um sentimento de culpa coletiva por um crime que a História gravará como o mais abominável do século.

Em certas ocasiões, por necessidade de entendimento, aconselha-se a adoção da ordem inversa. Essa necessidade é evidente no seguinte exemplo:

Foi iniciado o debate sobre drogas na Câmara.

A ordem direta confere sentido ambíguo à frase, pois permite a interpretação de que a circulação de drogas na Câmara é que está em debate. Para evitar a confusão, opte-se pela ordem inversa:

Na Câmara, foi iniciado o debate sobre drogas.

IMPESSOALIDADE

Certos cuidados concorrem para que o redator alcance a impessoalidade:

- jamais usar de linguagem irônica, pomposa ou rebuscada;
- não se incluir na comunicação;
- evitar o emprego de verbo na primeira pessoa do singular e mesmo do plural (exceto em alguns casos);
- dar ao texto um mínimo de elegância e de harmonia.

Uso do padrão culto da língua, clareza, concisão e, especialmente, formalidade, objetividade e uniformidade são outros importantes fatores que contribuem para a necessária impessoalidade dos textos.

FORMALIDADE E UNIFORMIDADE

Para bem compreender o significado da formalidade, vale atentar para algumas das acepções do adjetivo formal. **Formal** é aquilo que obedece a formalidades, etiquetas e padrões de tratamento cerimonioso; que é evidente, claro, manifesto, patente; que se atém a formas e fórmulas estabelecidas; que é convencional.

Todos esses atributos se aplicam aos textos redacionais, que, assim, devem ser:

- estritos na observância das formalidades ditadas pela civilidade – como a polidez, a cortesia, o respeito;
- claros, explícitos, o seu conteúdo cabal e inequivocamente evidenciado, de maneira que o entendimento seja fácil, completo e imediato;
- rigorosamente conforme os ditames da língua culta formal e vazados sempre na forma impessoal.

Já a uniformidade é obtida quando se estabelecem e se seguem determinados procedimentos, normas e padrões, o que concorre também para facilitar o trabalho de elaboração de textos e dar-lhe fluidez e naturalidade.

A SIMPLICIDADE

Nada assegura tanto a elegância quanto a simplicidade. Por isso, ao redigir um texto, toda sorte de exageros deve ser evitada.

Um texto carregado de adjetivação, sobretudo no superlativo, e advérbios soa como bajulação ou falta de conteúdo. Também há que ter o cuidado de não crivá-lo de estrangeirismos e latinismos, sob pena de cair no pedantismo, na ostentação, no barbarismo. Por outro lado, o abuso de expressões prontas e em moda empobrece o texto. Não confundir simplicidade com falta de criatividade e, muito menos, vulgaridade.

Outra preocupação é com o asseio da letra, que precisa ser legível e confortável aos olhos do leitor. As formas em negrito, itálico ou destacadas podem ser usadas, mas sem exagero.





Fique de Olho

ASPECTOS FORMAIS DA LÍNGUA

Os dias da semana e a crase

Escreva assim:

De segunda a sexta-feira ou Da segunda à sexta-feira.
De terça a quinta-feira ou Da terça à quinta-feira.

Não escreva assim:

De segunda à sexta-feira / De terça à quinta-feira.

Bastante / Bastantes

Bastante é adjetivo quando acompanha substantivo. Se o substantivo estiver no singular, fica no singular; se estiver no plural, vai para o plural:

*Tenho bastante trabalho para este ano.
Nomeio os dois como meus bastantes procuradores.*

Bastante é advérbio quando acompanha adjetivo ou verbo. Não se flexiona, portanto: *Descansou bastante no fim de semana.
Mostrou-se bastante receptiva.
Estamos bastante contentes.*

Observação:

No caso de dúvida, substitui-se **bastante** por **suficiente**.
Se for advérbio, **suficiente** vira **suficientemente**:

*Correu bastante (suficientemente), mas chegou atrasado.
Nomeio os dois como meus bastantes procuradores.*

COLOCAÇÃO DE PRONOMES

A colocação pronominal trata do adequado posicionamento dos pronomes oblíquos átonos (*me, te, se, nos, vos, o, a, os, as, lhe, lhes*): antes do verbo (próclise), intercalados no verbo (mesóclise) e após o verbo (ênclise).

1 – Uso da próclise

1. Próclise por atração

Usa-se a próclise quando o verbo vem precedido das seguintes partículas atrativas:

- a) palavras ou expressões negativas:

Não te afastes de mim.
Ninguém lhe chamou de indigente.

- b) advérbios:

Agora se negam a depor.
Antigamente se vivia com mais segurança.
Sempre os recebemos com cortesia.

Observação:

Se houver pausa (na escrita, vírgula) entre o advérbio e o verbo, usa-se ênclise:

Agora, negam-se a depor.
Aqui, condenam-se os culpados.

- c) pronomes relativos:

*Trabalho para empregador **que** me respeita.
Na sala **onde** se realizam as sessões, é obrigatório o uso de terno e gravata.
A ementa à **qual** se refere a Presidência foi vetada.
Tudo **quanto** nos prometeram foi cumprido.*

- d) pronomes indefinidos:

Poucos se negaram ao trabalho.
Alguém se contradisse no depoimento.

- e) pronomes demonstrativos:

Disso me culparam, mas nada ficou provado.
Aquilo nos dizia respeito.
As emendas, **estas** se revelaram inadequadas.

- f) conjunções subordinativas:

Embora se quisessem bem, não viviam juntos.
Se o ameaçarem, procure a polícia.
São necessárias mais informações para **que** se estude o caso.

Observação:

Ainda que a conjunção que esteja elíptica, faz-se a próclise:
*Espero que se saiam bem no julgamento ou
Espero se saiam bem no julgamento.*

- g) numeral “ambos”:

Ambos se conheceram na reunião.

2. Tipos de frases que exigem próclise

Há tipos de frases em que, pela própria entonação, fica melhor a próclise.

São elas:

- a) frases interrogativas:

*Quem se atreveria a desprezear a lei?
Quanto se gastará no projeto?
Que lhe disse o diretor?*

- b) frases exclamativas:

Quanto te arriskas com esse procedimento!

Observação:

Nas frases optativas (aquelas que exprimem desejo), se o sujeito vem antes do verbo, usa-se a próclise; se o sujeito vem depois do verbo, usa-se a ênclise:

*Deus nos proteja
Proteja-nos Deus.*

3. Formas verbais que exigem a próclise

Há duas formas verbais que sempre reclamam a próclise:

- a) o gerúndio precedido de preposição:

Em se **tratando** de legislação eleitoral, ele é especialista.

- b) o infinitivo pessoal precedido de preposição:

Por se **acharem** infalíveis, caíram no ridículo.

2 – Uso da mesóclise

- Usa-se a mesóclise com o *futuro do presente* e o *futuro do pretérito*, caso o verbo não venha precedido de partícula atrativa:
Convencê-lo-ei a aceitar (futuro do presente).
Convencê-lo-ia a aceitar (futuro do pretérito).

Mas, se houver atração ou se o sujeito estiver expresso ou for pronome reto, teremos a próclise:

Não o convencerei a aceitar.

Não o convenceria a aceitar.

Eu lhe informarei o resultado do julgamento.

O secretário lhes informará o horário da reunião.

3 – Uso da ênclise

- Se o verbo inicia a oração, o pronome oblíquo átono fará ênclise:
Vão-se os anéis e ficam os dedos.
- Usa-se, ainda, a ênclise com as seguintes formas verbais:
 - imperativo afirmativo (não precedido de palavra atrativa):
*Às dez horas, **dirijam-se** à sala de reuniões.*
 - gerúndio (não precedido de *em* e de palavra atrativa):
*Recusou o convite, **fazendo-se** de ocupado.*
 - infinitivo impessoal:
*Não era minha intenção **magoar-te**.*

Observação 1:

Com infinitivo impessoal precedido de preposição, ocorre tanto a próclise quanto a ênclise:

*Tive medo **de te incomodar**.*

*Tive medo **de incomodar-te**.*

Observação 2:

Com o infinitivo impessoal precedido de palavra atrativa, o mesmo se dá:

*Talvez encontre um modo de **não me aborrecer**.*

*Talvez encontre um modo de **não aborrecer-me**.*

Observação 3:

Com o futuro do presente e com o futuro do pretérito jamais se deve usar a ênclise:

*Impróprio: **Diria-se** que os tempos são outros.*

*Adequado: **Dir-se-ia** que os tempos são outros.*

4 – Pronome oblíquo átono nas locuções verbais

- Com locuções em que o verbo principal ocorre no **infinitivo** ou **gerúndio**:
 - se a locução não vier precedida de partícula atrativa, coloca-se o pronome oblíquo depois do verbo auxiliar ou depois do verbo principal:
Devo dizer-lhe algumas palavras.
Devo-lhe dizer algumas palavras.
Vinham-me acompanhando duas pessoas.
Vinham acompanhando-me duas pessoas.

- se houver partícula atrativa antes da locução, coloca-se o pronome oblíquo antes do auxiliar ou depois do principal:

Não lhe posso informar nada.

Não posso informar-lhe nada.

Nada nos estava faltando.

Nada estava **faltando-nos**.

Observação:

Apesar dessa norma, tem sido cada vez mais comum ocorrer, nesses casos, a próclise com o verbo principal, o que deve ser evitado:

Não posso lhe **informar** nada.

Prefira: **Não** **lhe** **posso** **informar** nada. Ou: **Não** **posso** **informar-lhe** nada.

- Com locuções em que o verbo principal ocorre no particípio:
 - se a locução vem precedida de partícula atrativa, o pronome ocorre antes do verbo auxiliar:
Não me haviam convidado.
 - se a locução não vem precedida de partícula atrativa, o pronome ocorre depois do verbo auxiliar, mas é impróprio após o particípio:
Haviam-me convidado.

Observação 1:

Quando o verbo vem precedido de duas palavras atrativas, o pronome pode ocorrer entre elas:

Há males que se não curam pelas mãos dos homens.

Observação 2:

É apropriado também:

*Há males que **não se** curam pelas mãos dos homens.*

PEDIR PARA / PEDIR QUE

Pedir para quer dizer *pedir licença*:

O aluno pediu ao professor (licença) para sair.

Pedir que significa *solicitar*:

Pedi à secretária que chegasse mais cedo.

O Banco Central pediu aos bancos que suspendessem remessas de dólares.

Manual de Redação TRT



Propostas de Redação

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **A persistência do racismo no Brasil**, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Texto I

SOCIEDADE

Preconceito

“Racismo ainda é um crime quase que perfeito”

No Dia da Consciência Negra, movimentos fazem marcha por reformas, desmilitarização da PM e mais inclusão social em São Paulo

por Renan Truffi – publicado 20/11/2014 19h35

O Dia da Consciência Negra ainda é uma data comum em capitais como Curitiba, Campo Grande, Salvador, Fortaleza e Belém. São Paulo, contudo, é uma das 1046 cidades brasileiras que decretaram a celebração como feriado municipal. A opção de alguns estados e municípios brasileiros mostra como parte da sociedade brasileira ainda resiste à discussão do racismo e do preconceito contra negros no País.

“Precisamos combater isso na prática, e não só nas palavras. E deveria virar um feriado nacional e não só em alguns municípios e estados. Enquanto não é um feriado nacional, enquanto não tem essa valorização, a data é tratada como um feriado que não tem relação com essa luta e com a importância que exige”, defende o subprefeito do Jabaquara, Wander Geraldo (PCdoB).

Por conta disso, na capital paulista, movimentos negros realizam todos os anos a Marcha da Consciência Negra. A 11ª edição reuniu aproximadamente 2000 pessoas, segundo a organização, e ocupou as ruas do centro da cidade. O ato começou no meio da tarde no vão do Museu de Arte de São Paulo (MASP) e percorreu ruas como a avenida Consolação até chegar ao Theatro Municipal, onde foram realizadas as primeiras manifestações públicas do movimento negro no Brasil, ainda na época da Ditadura.

(...)

Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/201cracismo-ainda-e-um-crime-quase-que-perfeito201d-6331.html>>

Texto II

SOCIEDADE

Entrevista – Nilma Lino Gomes

“Quanto mais se nega a existência de racismo, mais ele se propaga”

A ministra da Igualdade Racial discute uma das características mais marcantes do racismo no Brasil: sua ambiguidade.

Casos recentes de preconceito racial, como o de Kaillane Campos, de 11 anos, que levou uma pedrada na cabeça, no Rio de Janeiro, depois de sair de um culto de candomblé, e o da jornalista Maria Júlia Coutinho, a Maju, que recebeu ofensas na internet, mostram que o país da miscigenação ainda não venceu esse tipo de discriminação.

“Quanto mais se nega a existência do racismo no Brasil, mais esse racismo se propaga”, destacou a ministra da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (Seppir), Nilma Lino Gomes.

Nos cinco anos do Estatuto da Igualdade Racial, Lei 12.288/2010, lembrados nesta segunda-feira 20, ela conversou com a *Agência Brasil* e avaliou o cenário da busca pela igualdade racial no

País. Para ela, entre os principais avanços estão as cotas em concursos públicos e a política voltada ao atendimento de saúde da população negra.

Agência Brasil: *De que forma o racismo se manifesta no Brasil?*

Nilma Gomes: O racismo brasileiro tem uma peculiaridade: a ambiguidade. É um fenômeno que se afirma através da sua própria negação. Quanto mais se nega a existência do racismo no Brasil, mais esse racismo se propaga. E essa é uma característica que nos desafia muito a superá-lo e a desvelá-lo. Conhecer e reconhecer essa característica do racismo brasileiro já são avanços, porque antes compreendia-se muito mal o que era o racismo no Brasil.

Agência Brasil: *Diante desse cenário, o que o Estatuto da Igualdade Racial representa hoje?*

Nilma: O estatuto representa hoje para o Brasil uma conquista e é uma conquista que foi organizada, demandada pelos movimentos sociais, em particular, o movimento negro. Passou por um processo de uma grande discussão no Congresso Nacional, foi ratificado pelo governo federal e efetivamente hoje podemos falar que temos, além da Constituição Federal, uma lei nacional que garante direito à população negra brasileira.

Agência Brasil: *Um dos mecanismos previstos no estatuto é o de uma ouvidoria para receber as denúncias de preconceito. Como o órgão tem funcionado? No ano passado, o governo anunciou a criação do Disque Igualdade Racial, o 138. Como está a implementação da medida?*

Nilma: Nossa Ouvidoria tem recebido ao longo do tempo um aumento significativo das denúncias. Ela foi criada em 2011. No primeiro ano, temos registradas 219 denúncias e essas denúncias foram crescendo ano a ano. Em 2015, apenas no primeiro semestre, já superamos o número de denúncias do primeiro ano, temos até agora mais de 270 denúncias. Mas essa questão no Brasil ainda tem que avançar muito, ainda temos um histórico de subnotificação dos crimes raciais. Nem sempre as pessoas formalizam denúncias e temos todo um processo na Ouvidoria da Seppir, que é de registrar os casos, acompanhá-los e encaminhá-los para os órgãos e instituições responsáveis. O Disque Igualdade Racial está ainda na fase de estudos técnicos. Ele ainda não foi lançado, porque queremos lançá-lo de maneira bem completa, para que funcione de fato como uma ferramenta de combate ao racismo.

Agência Brasil: *Quais foram as conquistas alcançadas a partir do estatuto?*

Nilma: O Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial, o Sinapir, que está previsto no estatuto, é muito importante porque é a atuação do Governo Federal nos estados, Distrito Federal e municípios. Estamos exatamente neste momento na Seppir construindo a adesão voluntária ao Sinapir. Mais um avanço é a própria política de cotas nos concursos públicos, a Lei 12.990/2014, que já está em vigor. Já temos concursos sendo realizados, e essa legislação vai, a médio e longo prazo, nos possibilitar ter o perfil da realidade étnico-racial brasileira nos cargos públicos. Outra ação importante é a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, no Ministério da Saúde, que vem se desenvolvendo ao longo dos anos com a participação dos movimentos sociais e da Seppir, como um dos articuladores.

Agência Brasil: *As cotas no serviço público esbarram em alguns problemas. Muitos concursos oferecem apenas*

uma vaga, a reserva de 20% das vagas prevista na lei passa a valer a partir de três vagas, entre outras questões. A Seppir pretende agir de alguma forma para regulamentar a lei?

Nilma: A lei é autoaplicável. O que a Seppir tem discutido com outros ministérios e também com estados que implementaram as leis baseadas na lei federal é algum tipo de orientação para a implementação da legislação. Isso talvez nós façamos por meio de uma portaria, que ainda está em construção. Estamos ouvindo o que a sociedade civil tem nos falado. Estamos em discussão com o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Ainda não dá para adiantar. Queremos ter essa portaria ainda este ano.

Agência Brasil: Está também no estatuto a garantia da liberdade religiosa. A população negra é que mais sofre com a intolerância religiosa.

Nilma: A violência religiosa tem nos preocupado muito e não só a Seppir, mas o governo federal como um todo. O que temos feito, além das denúncias que são apresentadas à nossa Ouvidoria, é ouvir os segmentos, os movimentos sociais. Estamos neste momento pensando em uma ação mais global do governo para podermos trabalhar em uma conscientização da população para uma superação da violência e inclusive na informação para as vítimas de quais são os caminhos jurídicos que podem seguir quando sofrerem essa violência.

Agência Brasil: Alguns movimentos pedem reforma do estatuto. O argumento é que, na tramitação, trechos importantes foram retirados. A Seppir pretende propor alguma mudança?

Nilma: Não está na pauta da Seppir, no atual momento, fazer alguma alteração no Estatuto da Igualdade Racial. Eu acho que o processo pelo qual o estatuto passou é um processo que existe na sociedade democrática de negociação e conflito. O estatuto passou por mudanças, mas essas mudanças de forma alguma invalidaram o teor e o alcance dele.

Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/quanto-mais-se-nega-a-existencia-de-racismo-mais-ele-se-propaga-diz-ministra-2416.html>>

Texto III

TÍTULO I

DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

Parágrafo único. Para efeito deste Estatuto, considera-se:

I – discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada;

II – desigualdade racial: toda situação injustificada de diferenciação de acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, em virtude de raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica;

III – desigualdade de gênero e raça: assimetria existente no âmbito da sociedade que acentua a distância social entre mulheres negras e os demais segmentos sociais;

IV – população negra: o conjunto de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam autodefinição análoga;

V – políticas públicas: as ações, iniciativas e programas adotados pelo Estado no cumprimento de suas atribuições institucionais;

VI – ações afirmativas: os programas e medidas especiais adotados pelo Estado e pela iniciativa privada para a correção das desigualdades raciais e para a promoção da igualdade de oportunidades.

Estatuto da Igualdade Racial. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

PROPOSTA II

(Uerj – Adaptada)

No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha, não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca.

Walter Benjamin
Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.
São Paulo: Brasiliense, 1994.

No trecho acima, o escritor Walter Benjamin aborda a dificuldade de expressar experiências desumanizadoras, como as vividas em uma guerra.

Em diversos países, ações de resgate da memória de vítimas de guerras, ditaduras e processos de dominação, indicam uma percepção da importância de transmitir essas experiências à sociedade.

No Brasil, o lema divulgado no Dia Internacional do Direito à Verdade também sugere uma forma de lidar com o passado, em direção ao futuro.



Reprodução/Uerj

Disponível em: <cnv.gov.br>

A partir da leitura do texto de Walter Benjamin e de suas próprias reflexões, redija um texto argumentativo-dissertativo, em prosa, com 20 a 30 linhas, em que apresente seu posicionamento acerca da **necessidade de conhecer experiências históricas de violência e opressão, para a construção de uma sociedade**

mais democrática. Utilize a norma-padrão da língua e atribua um título à sua redação. No trecho anterior, o escritor Walter Benjamin aborda a dificuldade de expressar experiências desumanizadoras, como as vividas em uma guerra. Em diversos países, ações de resgate da memória de vítimas de guerras, ditaduras e processos de dominação, indicam uma percepção da importância de transmitir essas experiências à sociedade. No Brasil, o lema divulgado no Dia Internacional do Direito à Verdade também sugere uma forma de lidar com o passado, em direção ao futuro.

PROPOSTA III – (ITA)

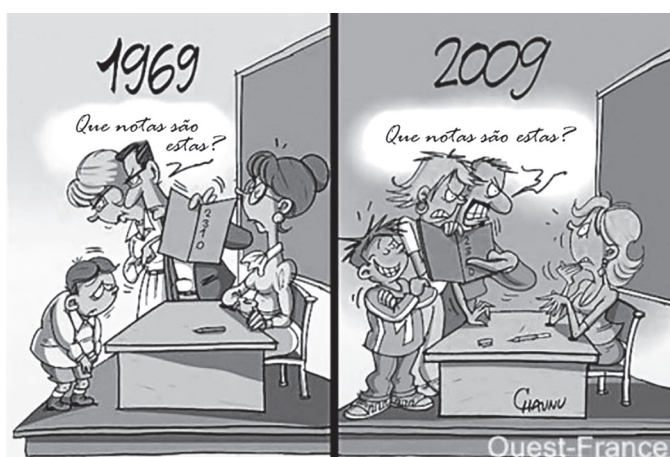
Instruções para a redação

A charge reproduzida abaixo circulou pela Internet. Com base nas ideias sugeridas pela charge, redija uma **dissertação** em prosa, na folha a ela destinada, argumentando em favor de um ponto de vista sobre o tema. A redação deve ser feita com caneta azul ou preta.

Na avaliação de sua redação, serão considerados:

- clareza e consistência dos argumentos em defesa de um ponto de vista sobre o assunto;
- coesão e coerência do texto; e
- domínio do português padrão.

Atenção: A Banca Examinadora aceitará qualquer posicionamento ideológico do candidato.



ESPAÇO DA LEITURA

QUEM LÊ APRENDE MAIS E ESCREVE MELHOR

A AMBÍGUA TRAJETÓRIA DO RACISMO NO FUTEBOL NO BRASIL

Entenda o racismo e a própria trajetória do negro brasileiro no futebol.

DENALDO ALCHORNE DE SOUZA

Pouco depois, a cena se repete. Desta vez, o volante santista Arouca, em partida contra o Mogi-Mirim, ouviu de um torcedor que deveria procurar uma seleção africana para jogar. Para terminar essa sequência lamentável, o zagueiro Paulão, do Internacional, foi chamado de macaco por um grupo de torcedores gremistas.

Talvez tenha sido sensata a afirmação de Arouca, logo após o episódio, quando disse: "O futebol é um espelho da nossa realidade, e isso não se resume apenas a xingamentos racistas". O esporte faz parte da sociedade e, portanto, está permeado por suas contradições.

Os últimos acontecimentos e a Copa do Mundo possibilitam um momento privilegiado para debatermos a trajetória complexa e ambígua da história do futebol e do racismo no Brasil.

O *football* surgiu no Brasil no fim do século XIX. Era praticado por jovens de nível social destacado que se reuniam nos intervalos de suas atividades para praticar "o esporte pelo esporte". Eles próprios custeando as despesas do divertimento e dentro do mais puro amadorismo. Só podiam jogar os que fossem sócios do clube. Funcionava como um símbolo de *status quo*, como um diferenciador de classes e raças, um referencial para os que queriam se autoafirmar brancos, ou "embranquecidos", e serem aceitos na alta sociedade.

No Brasil, acreditava-se que a mestiçagem terminaria por branquear o povo brasileiro. Considerado o negro menos evoluído biologicamente, o cruzamento inter-racial perpetuaria apenas os genes do branco.

Não era somente entre intelectuais como Oliveira Viana que tais ideias eram aceitas. Na verdade, eram valores consolidados por largo espectro da sociedade brasileira. Muitos negros assimilaram os preconceitos, os valores sociais e morais dos brancos. Nesse contexto, o racismo brasileiro era peculiar, pois a própria vítima assumia o papel de algoz.

Trata-se da época de Arthur Friedenreich, o primeiro grande craque que o futebol brasileiro produziu. Apesar do nome, ele era um mulato claro, de olhos verdes, filho de um alemão com uma negra brasileira.

Foi um dos maiores artilheiros do futebol mundial. Seu maior feito foi ter marcado o gol que deu à Seleção Brasileira o seu primeiro título continental, o do Sul-Americano de 1919. Friedenreich simbolizava o período em que o futebol prestigiava jogadores mulatos desde que conseguissem disfarçar sua negritude.

Apesar do elitismo, aos poucos, o futebol foi conquistando a preferência popular. Negros, mulatos, trabalhadores e desempregados passaram a olhar com mais interesse a novidade. Todos podiam estranhar, no início, aquele espetáculo de 22 pessoas correndo atrás de uma bola.

Entretanto, existia algo viril e dramático no jogo que levava aquelas pessoas, de vida sofrida, a extravasarem seus rancores e desilusões numa partida.

Se negros e mulatos passaram a adotá-lo como prática lúdica nos seus horários de lazer, bem diferente foi a sua introdução como atletas nos grandes clubes. Tal barreira foi transposta aos poucos e, de acordo com a cidade, em ritmos diferenciados. Provavelmente, o primeiro clube a aceitar jogadores negros e mulatos foi o *The Bangu Athletic Club*.

A agremiação foi criada em 1904, nos subúrbios do Rio de Janeiro, por chefes e empregados ingleses da fábrica de tecidos Companhia Progresso Industrial. Graças ao diminuto número de jogadores brancos, aos poucos, foram convidados para compor a equipe os operários negros e mulatos.

O amadorismo puro, jogar pelo "amor a camisa", tão defendido pelos primeiros jogadores e dirigentes, passou a ser questionado. Já se ouviam denúncias de um profissionalismo disfarçado. Eles recebiam

o “bicho”, uma ajuda de custo para pagar a passagem ou a estadia, sempre maior que o necessário.

O “bicho” possibilitou a introdução de atletas das classes mais baixas no futebol. Muitos não aceitavam esses falsos amadores e conflitos surgiram com o objetivo de limitar o acesso dos “mercenários”.

Era o tempo do Vasco da Gama, campeão carioca em 1923, formado pelo chofer de táxi Nelson Conceição, pelo pintor de paredes Ceci, pelo estivador Nicolino e pelo motorista de caminhão Bolão, todos negros e mulatos. No ano seguinte, os dirigentes dos principais clubes cariocas resolveram criar uma nova liga de futebol, sem a presença do Vasco.

O racismo no futebol não ficava restrito aos dirigentes de clube. O governo federal estava atento ao apelo popular do esporte. Em 1920, a Seleção Brasileira, ao jogar em Buenos Aires, não teve uma recepção das mais amistosas. Os argentinos pareciam nunca terem visto tantos negros em um único time.

O jornal *Crítica*, da capital portenha, publicou uma fotogravura representando todo o time brasileiro com a cara de macacos. Nos anos seguintes, os presidentes Epitácio Pessoa, em 1921, e Arthur Bernardes, em 1925, concederam à Confederação Brasileira de Desportos algumas dezenas de contos para participar dos Campeonatos Sul-Americanos dos respectivos anos.

Em troca, determinaram que somente fossem convocados atletas rigorosamente brancos, por motivos de “prestígio pátrio”.

Porém, o mais impressionante era o racismo do próprio atleta negro ou mulato. Uma história contada pelo jornalista esportivo Mário Filho ilustra as contradições.

Os jogadores Robson e Orlando, do Fluminense, estavam sendo conduzidos para o seu clube de automóvel quando um casal de negros atravessou apressadamente a rua e, por pouco, não foi atropelado.

Orlando, irritado, gritou: “Seus pretos sujos”. Robson tentou tranquilizar o companheiro: “Eu já fui preto e sei o que é isso”. Não há como saber sobre a veracidade da narrativa. Porém, a frase retrata como poucas os dilemas da sociedade brasileira da época.

Durante o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945), o futebol profissional foi oficializado. Também ocorreu um redirecionamento dos discursos raciais, tendo como marco e símbolo a obra de Gilberto Freyre e a figura da democracia racial.

O objetivo central de seu livro *Casa-grande e Senzala* (1933) era apresentar os elementos característicos das três raças que pretensamente formavam os brasileiros, colocando-os no mesmo patamar.

A junção das características culturais destes três elementos propiciaria o surgimento de um tipo nacional mais original, capaz de amenizar os conflitos na sociedade brasileira.

Mário Filho concordava com toda essa interpretação. Em seu clássico de 1947, *O Negro no Football Brasileiro*, escreveu: “Branco, mulato ou preto. Porque em *football* não havia mais nem o mais leve vislumbre de racismo”.

Para o jornalista, a influência da democracia racial não se restringia aos jogadores. Também se estendia para todos torcedores e para a sociedade: “E quem está na geral, na arquibancada, pertence à mesma multidão. A paixão do povo tinha de ser como o povo, de todas as cores, de todas as condições sociais. O preto igual ao branco, o pobre igual ao rico”.

Apesar de Freyre e Filho, as contradições sociais e raciais continuaram. Na Copa de 1950, quando a Seleção Brasileira perdeu para os uruguaios por 2 a 1, o racismo foi reatualizado.

Todos os envolvidos foram considerados culpados. A maior parte das acusações, porém, foi direcionada para dois jogadores negros: o goleiro Barbosa e o zagueiro Bigode.

Na década de 1950, produziu-se um acirramento de tais questões. Segundo alguns teóricos do período, como Florestan Fernandes, a discriminação racial no Brasil era temporária: à medida que o elemento negro fosse inserido no processo de industrialização capitalista, ele seria incorporado à sociedade brasileira, levando o preconceito racial à sua erradicação e substituição por relações classistas.

As interpretações de Freyre e Fernandes eram visões de Brasil e de povo brasileiro hegemônicas. Tinham atingido o senso comum da sociedade da época. As ideias de democracia racial, sem preconceitos de raça, e de que era possível em um país industrializado, a ascensão econômica e social dos trabalhadores e, especificamente, dos negros eram compartilhadas por amplos segmentos.

Faltava uma prova de coerência para que tal hegemonia se consolidasse. As dúvidas persistiam: como poderia o Brasil ser uma democracia racial se, a olhos vistos, as diferenciações sociais e econômicas entre brancos e não brancos eram gigantescas?

Foi neste contexto, na conquista da Copa de 1958, que surgiu Pelé. O seu mito parecia ser a comprovação dessas teorias. Mostrava que era possível, numa sociedade cada vez mais urbanizada e industrializada, um negro ascender social e economicamente.

Entretanto, o mesmo sucesso de Pelé mostrou as contradições do seu mito e da identidade racial. Muitas de suas declarações incomodavam, sempre enfatizando que em sua vida nunca sofrera atitudes racistas, como afirma à revista *Veja*, de 14 de julho de 1971: “Eu fico sem jeito de responder. Mas a verdade é que nunca senti nada que pudesse me motivar a tomar qualquer medida em defesa da cor”.

Negar a existência de racismo no Brasil pode ser considerada uma forma de racismo, ou, mais especificamente, um preconceito racial de marca. Para o intelectual Oracy Nogueira, esse conceito, ao contrário do preconceito de origem predominante nos Estados Unidos, depende do modo de atuação do indivíduo.

Se ele apresenta habilidades específicas, ou se este indivíduo mostra-se inteligente, ou mesmo perseverante, ele pode ter o tratamento discriminatório abrandado por essas particularidades apresentadas.

Assim, de contradição em contradição, a história do racismo no Brasil é revivida. O preconceito e a discriminação raciais não são meras sobrevivências do passado escravocrata.

Contrariando Florestan Fernandes, adquiriram novas funções e significados na sociedade capitalista industrializada, dificultando o acesso dos negros a benefícios materiais e simbólicos por meio da sua desqualificação.

O próprio meio futebolístico não está isento de reproduzir antigos preconceitos. Os episódios de Tinga, Arouca, o juiz Márcio Chagas da Silva e Paulão mostram que é longínqua uma sociedade mais justa em termos raciais.

No País do racismo movido e escorregadio, para não dizer hipócrita, é imprescindível que nós, educadores, estejamos sempre atentos ao preconceito do dia a dia, para podermos trabalhar com os alunos, não o racismo dos outros, mas o nosso próprio.

*Denaldo Alchorne de Souza é pós-doutorando em História pela USP, professor de História na Rede Federal Tecnológica e pesquisador do Ludens-USP.

Disponível em: <<http://www.cartaeduacao.com.br/aulas/medio/a-ambigua-trajetoria-do-racismo-no-futebol-no-brasil/>>



Exercícios

- Texto para a questão **01**.

(UERJ)

O EMLASTO (1)

Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chácara, pendurou-se-me uma ideia no trapézio que eu tinha no cérebro. Uma vez pendurada, entrou a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas (2) de volatim (3), que é possível crer. Eu deixei-me estar a contemplá-la. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou devoro-te.

Essa ideia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplasto antihipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade. Na petição (4) de privilégio que então redigi, chamei a atenção do governo para esse resultado, verdadeiramente cristão. Todavia, não neguei aos amigos as vantagens pecuniárias (5) que deviam resultar da distribuição de um produto de tamanhos e tão profundos efeitos. Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: Emplasto Brás Cubas. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído (6), do cartaz, do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio, porém, que esse talento me hão de reconhecer os hábeis. Assim, a minha ideia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia (7) e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: – amor da glória.

Um tio meu, cônego de prebenda (8) inteira, costumava dizer que o amor da glória temporal era a perdição das almas, que só devem cobiçar a glória eterna. Ao que retorquia (9) outro tio, oficial de um dos antigos terços (10) de infantaria, que o amor da glória era a coisa mais verdadeiramente humana que há no homem, e, conseqüentemente, a sua mais genuína feição. Decida o leitor entre o militar e o cônego; eu volto ao emplasto.

Machado de Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1988.

1. emplasto – medicamento
2. cabriolas – cambalhotas
3. volatim – acrobata
4. petição – documento formal de solicitação
5. pecuniárias – relativo a dinheiro
6. arruído – ruído, barulho
7. filantropia – prática da caridade
8. prebenda – ocupação rendosa de pouco trabalho
9. retorquia – respondia
10. terço – tropa militar

- 01.** (UERJ) Apesar do que escreveu na petição ao governo, o narrador-personagem confessa aos amigos e aos leitores duas motivações que o teriam levado a criar o emplasto Brás Cubas. Indique essas duas motivações confessadas pelo narrador. Em seguida, explique a oposição construída pelo narrador entre essas motivações confessadas e aquela apresentada na petição enviada ao governo.

- 02.** Corrija os erros cometidos nos seguintes períodos.

- A) Ao final, ou o presidente votava, ou pedia vista, ou encerrava a sessão.
- B) Pediu aos concorrentes agilizar os pedidos de inscrição e que, em caso de dúvida, recorressem aos tribunais regionais.
- C) Por ocasião das eleições, o candidato visitou Manaus, Curitiba e Mato Grosso.
- D) O candidato visitou Salvador, Recife e Brasília e amigos candangos.

- Texto para as questões **03, 04 e 05**.

(FCC)

O mito napoleônico baseia-se menos nos méritos de Napoleão do que nos fatos, então sem paralelo, de sua carreira. Os homens que se tornaram conhecidos por terem abalado o mundo de forma decisiva no passado tinham começado como reis, como Alexandre, ou patrícios, como Júlio César, mas Napoleão foi o “pequeno cabo” que galgou ao comando de um continente pelo seu puro talento pessoal. Todo homem de negócios dá em diante tinha um nome para sua ambição: ser – os próprios clichês o denunciam – um “Napoleão das finanças” ou “da indústria”. Todos os homens comuns ficavam excitados pela visão, então sem paralelo, de um homem comum maior do que aqueles que tinham nascido para usar coroas. Em síntese, foi a figura com que todo homem que partisse os laços com a tradição podia se identificar em seus sonhos.

Para os franceses, ele foi também algo bem mais simples: o mais bem-sucedido governante de sua longa história. Triunfou gloriosamente no exterior, mas, em termos nacionais, também estabeleceu ou restabeleceu o mecanismo das instituições francesas como existem hoje. Ele trouxe estabilidade e prosperidade a todos, exceto para os 250 mil franceses que não retornaram de suas guerras, embora até mesmo para os parentes deles tivesse trazido a glória. Sem dúvida, os britânicos se viam como lutadores pela causa da liberdade contra a tirania; mas em 1815 a maioria dos ingleses era mais pobre do que o fora em 1800, enquanto a maioria dos franceses era quase certamente mais rica.

Ele destruíra apenas uma coisa: a Revolução de 1789, o sonho de igualdade, liberdade e fraternidade, do povo se erguendo na sua grandiosidade para derrubar a opressão. Este foi um mito mais poderoso do que o dele, pois, após a sua queda, foi isto e não a sua memória que inspirou as revoluções do século XIX, inclusive em seu próprio país.

Adaptado de Eric. J. Hobsbawm. *A era das revoluções – 1789-1848*. 7ª ed. Trad. de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, p.93-4

Leia este fragmento do texto e faça o que se pede.

Todos os homens comuns ficavam excitados pela visão [...] de um homem comum maior do que aqueles que tinham nascidos para usar coroas.

- 03.** (FCC) Uma nova redação para a frase acima, em que se preservam a correção e a clareza, está em:
- A) Os homens comuns, quando viam que um homem comum como eles era maior do que os nascidos para usar coroas, não tendo como não ficar excitados.
 - B) Ver os homens comuns que um homem também comum era maior do que os nascidos para usar coroas eram o que os deixavam excitados.
 - C) A visão de um homem comum maior do que aqueles nascidos para usar coroas, deixavam excitados todos os homens que eram tão comuns como ele.

- D) Não havia homem comum que não ficasse excitado pela visão de um homem também comum que se tornara maior do que os nascidos para usar coroas.
- E) À medida em que via um homem comum maior do que aqueles nascidos para usar coroas, todo homem comum ficava excitado com a visão que tivesse.

04. (FCC) A frase em que todos os verbos estão corretamente flexionados é:

- A) Quem se dispor a ler a obra seminal de Hobsbawm sobre as revoluções do final do século XVIII à primeira metade do XIX jamais protestará contra o tempo gasto e o esforço despendido.
- B) As reflexões sobre a Revolução Francesa de 1789 requerem muito cuidado para que não se perca de vista a complexidade que as afirmações categóricas tendem a desconsiderar.
- C) Os revolucionários de 1789 talvez não prevessem, ou sequer imaginassem, o impacto que o movimento iniciado na França teria na história de praticamente toda a humanidade.
- D) Se as pessoas não se desfazerem da imagem que cultivam de Napoleão, nunca deixarão de acreditar que o talento pessoal é o principal ou mesmo a único requisito para a obtenção do sucesso.
- E) Quando se pensa na história universal, nada parece tão disseminado no imaginário popular, sobretudo no ocidente, do que as imagens que adviram da Revolução Francesa de 1789.

05. (FCC) Leia este outro fragmento do texto e faça o que se pede.

Eles tinham nascido para usar **coroas**.
Ele trouxe estabilidade e prosperidade **a todos** ...
que inspirou **as revoluções do século XIX** ...

A substituição dos elementos destacados pelo pronome correspondente, com os necessários ajustes, tem como resultado correto, na ordem dada:

- A) tinham nascido para as usar – Ele lhes trouxe estabilidade e prosperidade – que lhes inspirou.
- B) tinham nascido para lhes usar – Ele trouxe-os estabilidade e prosperidade – que inspirou-as.
- C) tinham nascido para usá-las – Ele lhes trouxe estabilidade e prosperidade – que as inspirou.
- D) tinham nascido para usá-las – Ele os trouxe estabilidade e prosperidade – que lhes inspirou.
- E) tinham nascido para as usar – Ele trouxe-os estabilidade e prosperidade – que as inspirou.

• Texto para a questão 06.

(Cespe)

Um dos maiores méritos da sabedoria grega consistiu, justamente, em apresentar a moderação, ou bom senso, como a virtude suprema. No frontispício do templo de Apolo, em Delfos, uma das inscrições célebres era: nada em excesso.

Aquele que exerce seu direito sem moderação acaba por perdê-lo. Do mesmo modo, a exigência excessiva por um mal sofrido transforma o exercício do direito em uma manifestação de vingança pura e simples. Nesse caso, a justiça muda de lado: ela se desloca para o lado do adversário. De acordo com a tradição da jurisprudência romana, a advertência de Cícero manifesta exatamente esse sentido. Com frequência, disse ele, há ocasiões em que os atos que nos parecem os mais dignos de um homem justo transmudam-se no seu contrário. É o caso, por exemplo, do dever de respeitar a promessa feita, ou de cumprir o contratado.

Se a prática do ato devido prejudica o devedor, sem nenhum proveito para o credor, o não cumprimento da palavra dada é plenamente justificado, pois a justiça nos obriga a dar sempre preferência ao bem sobre o mal.

Tudo isso, na verdade, decorre do fato de que a virtude da justiça tende sempre a alcançar certo estado de equilíbrio, longe de todo excesso. Não por outra razão a deusa Tétis foi representada, no imaginário grego, portando uma balança. A realização da justiça pressupõe, necessariamente, um constante sopeso de valores.

Fábio Konder Comparato. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 528-9 (com adaptações).

06. (Cespe) Considerando as ideias e os aspectos linguísticos do texto anterior, julgue os itens seguintes.

O trecho “apresentar a moderação, ou bom senso, como a virtude suprema” (linhas 2-3) poderia ser corretamente reescrito, sem prejuízo do sentido do texto, da seguinte forma:

“apresentar a moderação, ou seja, o bom senso, como a virtude suprema.”

Do mesmo modo, o segmento “dever de respeitar a promessa feita, ou de cumprir o contratado” (linhas 14) poderia ser corretamente reescrito da seguinte maneira:

“dever de respeitar a promessa feita, isto é, de cumprir o contratado.”

() Certo Errado ()

• Texto para a questão 07.

(Cespe)

A discriminação, como um componente indissociável do relacionamento entre os seres humanos, reveste-se inegavelmente de uma roupagem competitiva. Afinal, discriminar nada mais é do que tentar reduzir as perspectivas de uns em benefício de outros. Quanto mais intensa a discriminação e mais poderosos os mecanismos inerciais que impedem o seu combate, mais ampla é a clivagem entre discriminador e discriminado. Dessa lógica resulta, inevitavelmente, que aos esforços de uns em prol da concretização da igualdade se contraponham os interesses de outros na manutenção do *status quo*. É crucial, pois, que as ações afirmativas, mecanismo jurídico concebido com vistas a quebrar essa dinâmica perversa, sofram o influxo dessas forças contrapostas e atraíam considerável resistência, sobretudo da parte dos que historicamente se beneficiaram da exclusão dos grupos socialmente fragilizados.

Ao Estado cabe, assim, a opção entre duas posturas distintas: manter-se firme na posição de neutralidade e permitir a total subjugação dos grupos sociais desprovidos de voz, de força política e de meios de fazer valerem os seus direitos; ou, ao contrário, atuar ativamente para mitigar as desigualdades sociais, cujo público-alvo é precisamente as minorias raciais, étnicas, sexuais e nacionais.

Joaquim Barbosa B. Gomes. As ações afirmativas e os processos de promoção da igualdade efetiva. In: AJUFE (Org.). *Seminário internacional: as minorias e o direito*. 1.ª ed. 2003, p. 91-2 (com adaptações).

07. (Cespe) Com relação às ideias e estruturas linguísticas do texto anterior, julgue os próximos itens.

“A discriminação, como um componente indissociável do relacionamento entre os seres humanos, reveste-se inegavelmente de uma roupagem competitiva. Afinal, discriminar nada mais é do que tentar reduzir as perspectivas de uns em benefício de outros.”

Sem prejuízo para a coerência e a correção gramatical, os dois primeiros períodos do texto poderiam ser condensados no seguinte período:

A discriminação, elemento indissociável do relacionamento entre seres humanos, reveste-se inegavelmente de uma roupagem competitiva, porquanto corresponde a uma tentativa de se reduzirem as perspectivas de uns em benefício de outros.

() Certo Errado ()

08.

VISÃO MONUMENTAL

Nada superará a beleza, nem todos os ângulos retos da razão. Assim pensava o maior arquiteto e mais invocado sonhador do Brasil. Morto em 5 de dezembro de insuficiência respiratória, a dez dias de completar com uma festa, no Rio de Janeiro onde morava, 105 anos de idade, Oscar Niemeyer propusera sua própria revolução arquitetônica baseado em uma interpretação do corpo da mulher.

Filho de fazendeiros, fora o único ateu e comunista da família, tendo ingressado no partido por inspiração de Luiz Carlos Prestes, em 1945. Como a agremiação partidária não correspondera a seu sonho, descolara-se dela, na companhia de seu líder, em 1990. “O comunismo resolve o problema da vida”, acreditou até o fim. “Ele faz com que a vida seja mais justa. E isso é fundamental. Mas o ser humano, este continua desprotegido, entregue à sorte que o destino lhe impõe.”

E desprotegido talvez pudesse se sentir um observador diante da monumentalidade que ele próprio idealizara para Brasília a partir do plano-piloto de Lucio Costa. Quem sabe seus museus, prédios governamentais e catedrais não tivessem mesmo sido construídos para ilustrar essa perplexidade? Ele acreditava incutir o ardor em quem experimentava suas construções.

Bem disse Le Corbusier que Niemeyer tinha “as montanhas do Rio dentro dos olhos”, aquelas que um observador pode vislumbrar a partir do Museu de Arte Contemporânea de Niterói, um entre cerca de 500 projetos seus. Brasília, em que pese o sonho necessário, resultara em alguma decepção.

Niemeyer vira a possibilidade de construir ali a imagem moderna do País. E como dizer que a cidade, ao fim, deixara de corresponder à modernidade empenhada? Houve um sonho monumental, e ele foi devidamente traduzido por Niemeyer. No Planalto Central, construíra a identidade escultural do Brasil.

Rosane Pavam. *CartaCapital*, 07/12/2012.

Disponível em: www.cartacapital.com.br/sociedade/a-visao-monumental-2/
Adaptado

A frase redigida com correção e clareza é:

- A) A longevidade de Oscar Niemeyer permitiu, à todos os que eventualmente criticavam as suas obras, que as revalorizasse enquanto ele ainda vivia e não apenas depois da sua morte.
B) Talvez ninguém tenha feito mais pela divulgação do país no exterior do que Oscar Niemeyer, cujos projetos inconfundíveis, espalhados pelo mundo, nunca deixarão de aludir à paisagem brasileira.
C) Até mesmo o governo dos Estados Unidos, que pensamos estarem muitas vezes alheios as coisas que se passam no Brasil, lamentaram a morte de Oscar Niemeyer, cuja nota dizia que ele inspirará gerações.

- D) Quando se começar à refletir no fato de que tão grande número de templos religiosos, tenham sido realmente construídos ou não, foram projetados por um arquiteto que abertamente se declarava ateu.
E) Grandes arquitetos do mundo todo manifestaram sua admiração pela genialidade de Oscar Niemeyer, onde muitos chegaram mesmo a declarar a inspiração de suas obras em seu trabalho.

09. Leia o fragmento seguinte e faça o solicitado.

“Como a agremiação partidária não correspondera a seu sonho, descolara-se dela, na companhia de seu líder, em 1990.”

Sem prejuízo para a correção e o sentido, a frase acima pode ser reescrita do seguinte modo:

Descolara-se da agremiação partidária, na companhia de seu líder, em 1990,

- A) contanto que ela não correspondera a seu sonho.
B) conquanto ela não correspondera a seu sonho.
C) por conseguinte ela não correspondera a seu sonho.
D) se bem que ela não correspondera a seu sonho.
E) visto que ela não correspondera a seu sonho.

10. (FCC) Leia o período e proceda ao que é solicitado.

Mesmo quando o confiante se vê malgrado, a confiança terá valido o tempo que durou.

Complementa-se com coerência e correção esta nova redação dada à frase acima:

A confiança terá valido a pena

- A) a menos que o confiante se malogre.
B) tão logo se veja malgrado quem confiou.
C) uma vez que o confiante veja seu malogro.
D) ainda que o confiante se veja malgrado.
E) assim que se malogre o confiante.

11. Corrija as falhas gramaticais presentes em cada frase a seguir.

- A) A consciência que tudo era efêmero lhe deixava profundamente triste.
B) Todos disseram-lhe que o problema da política brasileira são os eleitores.
C) São suficientes dois litros de água.
D) Ninguém lhes convidaram para a festa.
E) Falta de prática redacional implica em dificuldade para expressar ideias.

12. (Casper Libero-SP) Assinale a alternativa que completa as lacunas da frase com flexão culta dos verbos “ver”, “vir”, “crer” e “convir”, respectivamente: Se você a _____, quando _____, diga-lhe que eu _____ na sua história, se lhe _____.

- A) ver, vier, cri, convier.
B) ver, vier, acreditei, convir.
C) vir, vir, acreditei, convier.
D) ver, vir, cri, convir.
E) vir, vier, cri, convier.

13. (FGV-SP) Assinale a alternativa em que a substituição da conjunção “embora” nas frases dadas torna-as corretas, de acordo com a norma culta.

- As novas medidas para avaliar o crescimento da economia não bastam, embora sejam bem-vindas.
– Embora não se defendam mais as regras da economia clássica, as empresas continuam aplicando-as.

- A) As novas medidas para avaliar o crescimento da economia não bastam, apesar de serem bem-vindas. Mesmo que não se defendam mais as regras da economia clássica, as empresas continuam aplicando-as.
- B) As novas medidas para avaliar o crescimento da economia não bastam, apesar de ser bem-vindas. Mesmo sem se defenderem mais as regras da economia clássica, as empresas continuam aplicando-as.
- C) As novas medidas para avaliar o crescimento da economia não bastam, apesar de serem bem-vindas. Ainda que não se defenda mais as regras da economia clássica, as empresas continuam aplicando-as.
- D) As novas medidas para avaliar o crescimento da economia não bastam, embora fossem bem-vindas. Apesar de que não se defende mais as regras da economia clássica, as empresas continuam aplicando-as.
- E) As novas medidas para avaliar o crescimento da economia não bastam, ainda que tivesse sido bem-vindas. Apesar de não mais se defender as regras da economia clássica, as empresas continuam aplicando-as.

- Texto para as questões 14 e 15.

(FGV-SP)

SUA EXCELÊNCIA

[O ministro] vinha absorvido e tangido por uma chusma de sentimentos atinentes a si mesmo que quase lhe falavam a um tempo na consciência: orgulho, força, valor, satisfação própria etc. etc.

Não havia um negativo, não havia nele uma dúvida; todo ele estava embriagado de certeza de seu valor intrínseco, das suas qualidades extraordinárias e excepcionais de condutor dos povos. A respeitosa atitude de todos e a deferência universal que o cercavam, reafirmadas tão eloquentemente naquele banquete, eram nada mais, nada menos que o sinal da convicção dos povos de ser ele o resumo do país, vendo nele o solucionador das suas dificuldades presentes e o agente eficaz do seu futuro e constante progresso.

Na sua ação repousavam as pequenas esperanças dos humildes e as desmarcadas ambições dos ricos. Era tal o seu inebriamento que chegou a esquecer as coisas feias do seu ofício... Ele se julgava, e só o que lhe parecia grande entrava nesse julgamento.

As obscuras determinações das coisas, acertadamente, haviam-no erguido até ali, e mais alto levá-lo-iam, visto que, só ele, ele só e unicamente, seria capaz de fazer o país chegar ao destino que os antecedentes dele impunham.

BARRETO, Lima. In: *Os Bruzundangas*.

14. (FGV-SP) A relação de sentido que a expressão “visto que” imprime ao contexto em que se encontra, no último parágrafo, equivale à destacada em:
- A) A memória às vezes falha, **mesmo** a dos mais jovens.
- B) **Contanto que** nada falte aos filhos, ele pode deixar a casa.
- C) Tudo fez **para** nos agradar.
- D) O auditório ficou lotado, **tão logo** se abriram suas portas.
- E) Pode ter um ou dois amigos apenas, **pois** está quase sempre sozinho.

15. (FGV) Assinale a alternativa em que a nova redação dada à frase “Não havia um negativo, não havia nele uma dúvida [...]” – apresenta concordância verbal de acordo com a norma-padrão do português escrito.

- A) Não haviam nele sentimentos negativos nem dúvidas...
- B) Não se encontrava nele sentimentos negativos nem dúvidas...
- C) Não deviam haver nele sentimentos negativos nem dúvidas...
- D) Não podiam existir nele sentimentos negativos nem dúvidas...
- E) Não se via nele sentimentos negativos nem dúvidas...

GABARITO				
01	02	03	04	05
–	–	D	B	C
06	07	08	09	10
–	–	B	E	D
11	12	13	14	15
–	–	A	E	D

– Demonstração.



Anotações

SUPERVISOR/DIRETOR: MARCELO PENA – AUTOR: DANIEL VICTOR
DIG.: SAMUEL – 18/01/19 – REV.: CAMILLA